

TÍTULO: AS MANIFESTAÇÕES IDENTITÁRIAS NO ENSINO SUPERIOR: ESPAÇO DE RESSIGNIFICAÇÃO

Keila Andrade Haiashida¹

RESUMO

O estudo sobre as identidades culturais individuais ou coletivas e sua relação com as instituições organizadas tem sido abordada na literatura educacional nas últimas décadas. O objetivo dessa pesquisa foi caracterizar as identidades culturais dos alunos da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC), da Universidade Estadual do Ceará, situada na cidade de Quixadá, sertão central nordestino, uma vez que, essa faculdade recebe alunos de Quixadá e de municípios circunvizinhos. Na pesquisa foi utilizado o método etnográfico, por acreditarmos que a cultura favorece um estudo interpretativo dos significados expressos em gestos e palavras proferidos pelos sujeitos. Os resultados preliminares da pesquisa indicam a formação de uma identidade coletiva entre os alunos da FECLESC, pois diferentes grupos são formados no trajeto diário entre suas cidades de origem e Quixadá. Esses grupos se cristalizam e as atividades acadêmicas passam a ser realizadas a partir de suas constituições. Reconhecemos nesses grupos um conjunto compartilhado de características provenientes de suas origens: a religiosidade, o apego as tradições, a valorização da família e uma topofilia, ou seja, uma relação dos grupos com o lugar de origem balizador de seus valores e atitudes. No entanto, a faculdade enquanto *lôcus* da “modernidade” apresenta novos valores e práticas culturais aos alunos. Esse “sopro de modernidade” antes trazido às cidades do interior pelas estradas de ferro, pelo comércio ou mais recentemente pela mídia, agora encontra seu espaço predominante nas instituições de ensino superior.

Palavras Chaves: Identidade. Cultura. Espaço. Representações.

Introdução

A compreensão acerca das identidades culturais individuais ou coletivas e sua relação com as instituições organizadas tem sido abordada na literatura educacional e geográfica nas últimas décadas. A investigação dessas identidades pode aclarar o modo como o espaço interfere nas construções identitárias e também como essas identidades culturais alteram o espaço. A partir da década de 1990 o Brasil vivenciou intenso movimento de interiorização do Ensino Superior, esse movimento induziu alterações no espaço, cultura e educação, numa relação dialética e bidirecional. O fenômeno coincidiu com a expansão do setor particular e atingiu a Rede Federal, com o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), do Ministério da Educação.

¹ Doutoranda em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE); Mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC); Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará (UFC); Professora da Universidade Estadual do Ceará (UECE); e-mail: keilandrade@hotmail.com

Quando nos reportamos aos desafios educacionais dos alunos que frequentam Instituições de Ensino Superior em cidades interioranas, sobretudo aquelas situadas no sertão central nordestino, somos levados a reconhecer a exigüidade de estudos que explicitem os impactos da inserção dessas instituições para sua identidade cultural e que características culturais esses grupos apresentam.

O *objetivo* dessa pesquisa foi caracterizar as identidades culturais dos alunos da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC), da Universidade Estadual do Ceará, situada na cidade de Quixadá, sertão central nordestino, uma vez que, essa faculdade recebe alunos de Quixadá e de municípios circunvizinhos (Ibaretama, Milhã, Quixeramobim, Senador Pompeu, Mombaça, Pedra Branca, Quixadá, Banabuiú, Chorózinho, Deputado Irapuan Pinheiro, Piquet Carneiro e Solonópole).

Na pesquisa foi utilizado o *método etnográfico*, por acreditarmos que a cultura favorece um estudo interpretativo dos significados expressos em gestos e palavras propalados pelos sujeitos. Nossa idéia de identidade é profundamente influenciada pelas afirmações de Durkheim, que aborda as representações coletivas, ou seja, o homem não produz isoladamente os seus pensamentos, mas opera seguindo crenças, valores e, sobretudo, categorias que se formam historicamente na vida social.

Assim, cremos no atrelamento entre identidade cultural, espaço e educação. Nosso interesse em Geografia Cultural delimita-se na construção social de identidades baseadas em lugares. Nosso foco inclui a investigação da cultura material, os costumes sociais e significados simbólicos, abordados a partir do lugar de interação desses grupos. Nossa *problemática* incide na descrição do conjunto de atitudes e costumes que representam culturalmente as identidades coletivas.

Possuíamos algumas *hipóteses iniciais*: a instalação de Instituições de Ensino Superior nas cidades do interior altera sua dinâmica social e cultural; a presença dessas instituições propicia novas experiências e a modificação do conhecimento e das representações de seus alunos.

A Expansão do Ensino Superior e o Processo de Interiorização

“O que não está em nenhum lugar, não existe”

Aristóteles

O debate acerca da necessidade de democratizaçãoⁱ da educação, especialmente em nível superior, tem feito parte da pauta educacional nas últimas décadas. A análise de sua consequência para o espaço e a cultura das cidades sedes, todavia, ainda é campo fértil para pesquisas.

Refletiremos sobre alguns pontos críticos e interdependentes dessa temática, são eles: espaço, cultura e educação contextualizados em uma cidade do sertão central cearense. “Estudar geografia é partir da posição do lugar, é considerar as circulações que o afetam [...] Há uma forte conexidade entre os fenômenos observados no conjunto da superfície terrestre” (CLAVAL, 2010, p. 110).

A inserção de novas instituições sociais em cidades do interior alteram não apenas a paisagem, mas o espaço e a cultura. A geografia humana é uma das primeiras ciências sociais a considerar as práticas e os saberes dos meios populares para sobreviver e se estruturar (VIDAL DE LA BLACHE apud CLAVAL, 2010).

O movimento de interiorização do Ensino Superior no Brasil atingiu proporção nacional, a partir da década de 1990. O fenômeno coincide com a expansão do setor particular e atingiu a Rede Federal, com o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), do Ministério da Educação.

Entre 1980 e 2005, o total de IES passou de 882 para 2.166, um crescimento de 145%. Desse total mais recente, 231 são públicas e 1.934 privadas, ou seja, de cada 10 IES credenciadas, nove são privadas. No período, o incremento das instituições públicas foi de apenas 16% (eram 200), taxa bem inferior aos 189% das privadas (havia 682). Não obstante o maior ritmo de aumento de instituições ter ocorrido no setor privado, isso não aconteceu de forma linear. Tomando por referência o ano de 1994, quando existiam 633 IES privadas, houve um decréscimo de 7% em relação ao marco inicial. De fato, o grande salto no desenvolvimento do setor privado

transcorreu no período de 1997 a 2005, fase que se seguiu à promulgação da nova LDB (Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996) (NUNES, 2007, p. 14).

A Pesquisa de Informações Básicas Municipais (MUNIC) 2006 - estudo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que traça o perfil da cultura brasileira comprova a expansão do ensino superior fora das capitais do país. As informações colhidas nas 5.564 prefeituras de todo o Brasil, demonstram que existe mais instituições de ensino em cidades que possuem entre 20 mil a 50 mil habitantes (ao todo 639) do que nas grandes metrópoles. A diferença é grande se comparada ao número de universidades situadas em municípios com mais de 500 mil habitantes - apenas 36 em todo o Brasil (BRASIL, 2006).

Ao observarmos o fenômeno de expansão do Ensino Superior percebemos que a região Nordeste tem apresentado o maior aumento na quantidade de instituições credenciadas. De acordo com dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), no ano de 2000, existiam 157 unidades espalhadas pelos estados nordestinos, com maior concentração na Bahia (31%). Já em 2005 esse número aumentou - passou a 231 novas instituições, sendo que 202 delas estão localizadas nas capitais.

Tínhamos em 2005 um quantitativo de 29 Instituições localizadas no interior nordestino. O aumento significativo dessas instituições em cidades interioranas marca um processo importante de expansão do ensino superior. Essa expansão tem sido caracterizada pela oferta de novos cursos, maior número de vagas oferecidas em instituições particulares (muitas vezes a preços mais acessíveis) ou públicas e centros tecnológicos que começam a fazer parte da realidade do nordestino, como é o caso dos moradores de Quixadá e das cidades próximas.

Para Danilo Iglioni, professor de economia da USP, a chegada de uma universidade, faculdade de ou centro tecnológico é sempre importante para a região. "Os benefícios podem vir a curto prazo, que são os estímulos para os setores da alimentação e comércio; e a longo prazo, que pode ser caracterizado pela qualificação da mão-de-obra local e o desenvolvimento da capacidade de empreendedorismo dos moradores da região". O economista acredita que o aumento das instituições de ensino é uma situação real e que deve crescer nos próximos anos, principalmente no setor privado. "Nos Estados Unidos, por exemplo, a força da universidade fora das capitais é muito grande. Em muitos casos, ela passa a ser a principal atividade da cidade (DUARTE, 2011, s/p).

Os dados apresentados indicam que as políticas públicas voltadas para o ensino superior avançam no sentido de expansãoⁱⁱ e esse fenômeno altera o espaço e a identidade cultural do grupo nativo.

Essas políticas públicas se caracterizaram por uma maior flexibilização, resultante do atrelamento a proposta liberal, que alocou o ensino superior no setor de serviços o que permitiu que ele fosse privado ou privatizado. Assim, tivemos uma expressiva expansão do número de vagas ofertadas resultantes do processo de credenciamento de novas instituições de ensino superior particulares.

A necessidade de democratização do ensino superior já havia sido percebida pelas instituições públicas há muitos anos, todavia, ainda não fora considerada pelos governos como um ponto estratégico, ficando restrita as medidas típicas de cada instituição.

Um exemplo desse processo de interiorização do ensino superior é a Universidade Estadual do Ceará – UECE, que possui *campus* em seis cidades, são eles: Faculdade de Educação, Ciências e Letras dos Inhamuns – FECLIN; Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central – FECLESC; Faculdade de Educação de Itapipoca – FACEDI; Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu – FECLI; Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos – FAFIDAM e Faculdade de Educação de Crateús – FAEC.

Embora tenha se discutido a importância do movimento de expansão do ensino superior, não se tem refletido sobre a consequência desse processo para as cidades sedes e para a cultura local. Assim, nosso interesse foi compreender como sujeitos de diferentes lugares percebem o espaço universitário no interior e que conjunto de significados atribuem a essa experiência.

A Geografia Cultural e a Construção de Identidades Coletivas

Claval (2002) anuncia que as mudanças ocorridas na Geografia Cultural propiciaram o que ele denominou de *volta do cultural*. Reconhecemos na Geografia e nos teóricos sociais, um interesse no espaço humanizado, ou como Santos (1988) descrevia, o *espaço habitado ou ecúmeno*. Esses espaços

humanizados dão valor sentimental aos lugares e criam uma memória coletiva, vemos nesses contextos uma legitimação do pertencimento, de forma que, pertencer a um determinado lugar nos caracteriza. “As identidades individuais e coletivas são fortemente ligadas ao desenvolvimento da consciência territorial” (CLAVAL, 2002, p.24).

Nosso interesse em geografia cultural, como já foi especificado, delimita-se na construção social de identidades baseadas em lugares. Nosso foco inclui a investigação da cultura material, os costumes sociais e significados simbólicos, abordados a partir do lugar de interação desses grupos. Embora cultura, seja um conceito escorregadio, difícil de definir, cremos na importância de explicitar o conceito que fundamenta o presente texto:

Cultura é um conjunto de idéias, hábitos e crenças que dá forma as ações das pessoas e a sua produção de artefatos materiais, incluindo a paisagem e o ambiente construído. A cultura é socialmente definida e socialmente determinada. Idéias sociais são expressas nas vidas de grupos sociais que articulam, expressam e contestam esses conjuntos de idéias e valores, que são eles próprios específicos no tempo e no espaço (McDOWELL, 1996, p. 161).

A cultura representa um conjunto de atitudes e costumes que caracterizam um grupo social e são, portanto, importantes para construção de suas identidades. Menezes (2008) explicita que até a década de 1940 as expressões recorrentes nos estudos sobre as características diferenciais de povos, culturas ou nações empregavam termos como “psicologia do povo”, “caráter nacional”, “personalidade básica”, “personalidade modal”, “caráter social”. O autor propõe, ainda, que Erikson em 1950, no livro *Infância e Sociedade* é que introduz nas Ciências Humanas a reflexão sobre “identidade pessoal e social”.

A esse respeito Barbalho (2008) anuncia sua preocupação com a Políticas Nacionais de Cultura por sua ênfase na valorização da cultura brasileira ou da cultura nacional; sua desconfiança de deve a perspectiva homogeneizante dessas propostas. Essa constatação nos instiga à compreensão de realidades diversas. As IES têm servido como espaço de explicitação ou ocultação dessas identidades?

Nossa idéia de identidade é profundamente influenciada pelas afirmações de Durkheim, que aborda as representações coletivas, ou seja, o homem não produz isoladamente os seus pensamentos, mas opera seguindo crenças, valores e,

sobretudo, categorias que se formam historicamente na vida social. Assim, cremos no atrelamento entre identidade cultural, espaço e educação. “O olhar do geógrafo não dissocia os grupos dos territórios que organizaram e onde vivem” (CLAVAL, 1999, p. 11).

Essa identidade se desenvolve num processo de formação que se concretiza num dado espaço. A conquista do espaço tem início já no período gestacional. A criança vai aos poucos evoluindo e exigindo maior espaço. Ao nascer, esse espaço se amplia e qualifica e o sujeito estabelece com o ambiente não mais uma relação unilateral de dependência, mas sim uma relação dialética de interferência mútua (VYGOTSKY, 1987).

A atenção é concentrada nas maneiras como símbolos, rituais, comportamento e práticas sociais do dia-a-dia resultam num compartilhado conjunto ou conjuntos de significados que em maior ou menor grau são específicos em termos de lugar. Portanto, temos que uma perspectiva geográfica tornou-se central para o projeto de estudos culturais de forma mais ampla (GROSSBERG, 1992 apud McDOWELL 1996, p. 160).

Assim, uma vez reconhecida à alteração no espaço e cultura deveríamos ouvir os sujeitos que vivenciam essas transformações e investigar esses espaços. Estrabão (apud Santos, 1979) aconselhava a levar em consideração os atributos de um lugar, que são devidos a natureza, todavia o autor os considerava permanentes. Hoje, reconhecemos que os atributos do lugar são destinados a mudar.

Os estudos sobre identidade cultural impõem um desafio, pois ao abordar as identidades coletivas temos que considerar a dinamicidade dos grupos. Os grupos, hoje, não são permanentes e sim efêmeros. O deslocamento permite que tenhamos movimento, mudanças.

Conclusão

A geografia tem se dedicado ao estudo das cidades ou espaços urbanos em países em desenvolvimento, entretanto, a supremacia das pesquisas se concentra nas metrópoles. Se considerarmos, contudo, a realidade contemporânea veremos perfilar-se outro fenômeno urbano o das cidades médias que merece tanto interesse quanto a precedente.

A discussão sobre definição das cidades é bastante complexa por vezes são relacionadas ao volume da população, quando se definem por tamanho; aspectos morfológicos; coalescência de funções em uma aglomeração; relação de crescimento com a economia ou o meio ambiente (SANTOS, 1979).

Na literatura urbana da década de 60 e na quase totalidade dos livros didáticos de hoje, a origem da cidade vincula-se à existência de uma ou mais funções urbanas. Nessa perspectiva, a origem de uma cidade pode ser: **industrial** caso do ABC paulista (conjunto formado pelos municípios de Santo André, São Bernardo, São Caetano e Diadema); **cultural** e aqui temos, segundo alguns autores, a subdivisão entre a) religiosas (caso de Jerusalém, Meca, Aparecida do Norte); b) cidades universitárias como Oxford ou Cambridge; c) cidades – museus como Versalhes (França) e Veneza (na Itália); ou ainda as cidades cujas origens ligam-se às atividades **comerciais, administrativas ou políticas**, as capitais de estados ou país, ou as que tem origem em estações de águas, lugar de veraneio ou sanatórios (CARLOS, 2009, p. 56)

As cidades ⁱⁱⁱ do sertão central nordestino enfrentam barreiras sociais como a distância e são construídas a partir de um “cimento social^{iv}” composto pela religião, superstições e crenças que mantêm o povo coeso e muitas vezes isolado de outros povos e conjunto de crenças. As cidades interioranas constituem um fenômeno cultural interessante, pois o lugar e o conjunto compartilhado de significados sociais coincidem. Entretanto, a chegada das instituições de ensino superior tem provocado alterações no espaço e culturas dessas cidades.

Chauí afirma que “a universidade é uma instituição social e como tal exprime de maneira determinada à estrutura e modo de funcionamento da sociedade como um todo”. As instituições sociais preocupam-se com a universalidade por refletirem os aspectos sociais, culturais e políticos da sociedade. A sociedade apresenta-se como sua referência normativa e valorativa (CHAUÍ, 2003, p.1).

Em face da necessidade de se adaptar as reformas de Estado e ao mesmo tempo manter sua legitimidade as universidades enfrentam um processo de redefinição de seu papel e de suas finalidades. Esse momento de redefinição parece propício para discutirmos o impacto de sua presença e da formação ofertada para o espaço interno e externo^v e também para identidade cultural de seus alunos.

Os resultados preliminares da pesquisa indicam a formação de uma identidade coletiva entre os alunos da FECLESC, pois diferentes grupos são formados no trajeto diário entre suas cidades de origem e Quixadá. Esses grupos se cristalizam e as atividades acadêmicas passam a ser realizadas a partir de suas constituições.

Reconhecemos nesses grupos um conjunto compartilhado de características provenientes de suas origens: a religiosidade, o apego as tradições, a valorização da família e uma topofilia, ou seja, uma relação dos grupos com o lugar de origem balizador de seus valores e atitudes.

Tuan (1993, p. 20) é assertivo quando afirma que “quando residimos por muito tempo em determinado lugar, podemos conhecê-lo intimamente, porém a sua imagem pode não ser nítida, a menos que possamos também vê-lo de fora e pensemos em nossa experiência”.

Assim, a faculdade enquanto *lócus* da “modernidade” apresenta novos valores e práticas culturais aos alunos, o que permite um olhar reflexivo e uma ressignificação das atividades cotidianas. Esse “sopro de modernidade” antes trazido às cidades do interior pelas estradas de ferro, pelo comércio ou mais recentemente pela mídia, agora encontra seu espaço predominante nas instituições de ensino superior.

Dessa forma, assinalamos que os movimentos organizados por estudantes, jornais, calouradas, festas e demais eventos permitem a esses grupos a partilha de novos valores e práticas culturais mais libertárias, realizadas sem a vigilância a qual estão habituados.

ⁱ A expansão do ensino superior tem se caracterizado pela privatização e fragmentação institucional. Cerca de 58% dos estudantes de graduação estão matriculados em instituições privadas; dentre as instituições de ensino predominam as faculdades isoladas e as associações de faculdades (CUNHA, 2010)

ⁱⁱ Temos nas políticas públicas para o ensino superior uma alternância entre propostas de expansão e contenção. No Brasil colônia tivemos a proibição da criação de universidades, pois Portugal temia que os estudos universitários operassem como coadjuvantes de movimentos independentistas. As transformações do ensino superior nas primeiras décadas da República já foram marcadas pela facilitação do acesso ao ensino superior. No início do século XX novo movimento de contenção instituiu os exames de admissão e em 1925 a fixação do número de vagas pelas instituições. No início do século XXI novo movimento de expansão com a ampliação da rede privada (CUNHA, 2010).

ⁱⁱⁱ Quixadá possui 79.455 habitantes e está entre as 10 maiores cidades do Estado, dentre os 184 municípios

^{iv} A expressão cimento social é proposta por Linda McDowell (1996).

^v Quando citamos espaço interno e externo significa que as instituições de ensino superior possuem um espaço circunscrito para construção de saberes, valores e culturas e um espaço externo, ou seja, a cidade na qual está localizada.

REFERÊNCIAS

BARBALHO, Alexandre. **Iracemas do Ceará: identidade, política cultural e o romance de Alencar.** In BARBALHO, Alexandre (org.). **Brasil, Brasis: identidades, cultura e mídia.** Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, 2008.

BRASIL. **Pesquisa de Informações Básicas Municipais.** IBGE, 2006

CARLOS, Ana Fani A. **A cidade.** 8ª Ed. São Paulo: Contexto, 2009.

CUNHA, Luiz Antonio. **Ensino Superior e Universidade no Brasil.** In LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (org.). **500 anos de Educação no Brasil.** 4ª Ed. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2010.

CHAUÍ, Marilena. **A Universidade Pública sob nova perspectiva.** Conferência de abertura da ANPED. Poços de Caldas, 2003.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural.** Tradução Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.

_____. **A volta do cultural na Geografia.** Revista de Geografia da UFC, ano 01, número 01, 2002.

_____. **Terra dos Homens: a geografia.** Tradução Dimitila Madureira. São Paulo: Contexto, 2010

DUARTE, Juliana. **No coração do país.** Disponível em <http://revistaensinosuperior.uol.com.br>. Acesso em 22/01/11.

MENEZES, Eduardo Diatahy B. de. **Crítica da noção de identidade cultural (ou étnica, nacional, etc)**. In BARBALHO, Alexandre (org.). **Brasil, Brasis: identidades, cultura e mídia**. Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, 2008.

McDOWELL, Linda. **A transformação da Geografia Cultural**. In GREGORY, Derek; MARTIN, Ron; SMITH, Graham (orgs.). **Geografia Humana: sociedade, espaço e ciência social**. Tradução Mylan Isaack. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1996.

NUNES, Edson. **Desafio estratégico da política pública: o ensino superior brasileiro**. Rio de Janeiro: Revista de Administração Pública, 2007.

SANTOS, Milton. **Espaço e Sociedade: ensaios**. Petropolis: Vozes, 1979.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo, HUCITEC, 1988.

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.